

CULTURA E ESPORTE: Uma hermenêutica visual

Silvino Santin¹

RESUMO

Cultura e Esporte, tema deste artigo, descreve, através de uma hermenêutica visual, a profunda vinculação do esporte com a cultura numa fusão carnal em determinado momento da história humana. Este momento aconteceu a partir da era moderna e continua até hoje. A base desta fusão está na ciência e na tecnologia, os dois pilares da construção da modernidade em todos os sentidos. Tudo deve passar pelo pensar científico e pelo agir técnico. Entretanto, o olhar hermenêutico exigiu ir além da modernidade. A descoberta se manifestou sem muito esforço. Há uma longa, digamos, pré-história esportiva conduzida pelo imaginário lúdico, raiz do humano da humanidade. O esporte, termo surgido no século XIX, é a designação da estrutura científica e tecnológica das manifestações do lúdico e do jogo. O processo hermenêutico visual reconheceu que o esporte atingiu uma dimensão globalizada, distante dos valores da ludicidade. A tentativa de recuperar o significado dos eventos pan-helênicos mostrou a necessidade de construir um discurso capaz de entender os significados dos megaeventos esportivos e de todos esportes em toda sua complexidade. A proposta desta tarefa poderia ser assumida por um efetivo discurso esportivo, como acontece com os demais discursos representativos de cada ciência ou de cada atividade profissional.

Palavras-chave: Cultura; Esporte; Hermenêutica visual

1 Doutor em Filosofia da Linguagem pela Université de Paris IV (Paris-Sorbonne, 1974). Professor Titular Aposentado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria/Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: santin@terra.com.br

O JOGO DOS CONCEITOS

O título deste artigo, Cultura e Esporte, foi construído baseado em dois requisitos. Em primeiro lugar estão as várias sugestões apresentadas pelo chamamento da Motrivivência para a seção temática do próximo número tendo como temas centrais, Manifestações Populares, Cidadania e Megaeventos. Em segundo lugar, mais limitante, está a capacidade do autor de fazer uma leitura visual de tais fenômenos, sem os recursos de metodologias científicas. O que representa um duplo desafio, desenvolver uma observação consistente e apresentar uma hermenêutica significativa.

A filosofia da linguagem, particularmente na área da hermenêutica, sugere começar pela escuta das palavras que enunciam o tema a ser desenvolvido. Pode-se dizer, já que estamos num cenário esportivo, que se trata de um jogo de conceitos. Uma observação preliminar revela que muitos conceitos, presentes na linguagem de domínio comum, são empregados como se todos os interlocutores tivessem a mesma compreensão e a mesma abrangência semântica. Em outras palavras, dita uma palavra, por exemplo, cultura, presume-se que todos entenderiam a mesma coisa. Na realidade, a riqueza viva de uma palavra, entre outras coisas, consiste em apresentar uma fértil plurivocidade. Isto é, não tem um único significado. Ao contrário, pode conter diversos e diferentes significados.

A tarefa da filosofia hermenêutica busca na plurivocidade semântica identificar, como observa Paul Ricoeur, os possíveis significados de um discurso ou de um simples enunciado, como é o caso do título deste artigo. Uma metodologia acadêmica recomenda, sem perder de vista o todo,

começar pela identificação dos elementos linguísticos.

1. Cultura

Inicialmente, duas perguntas. O que significa cultura? O que cada um entende ao pensar em cultura? Os dicionários são, habitualmente, o primeiro recurso para responder à primeira pergunta, entretanto, os dicionários não apresentam uma única definição. Seguem duas definições bastante consagradas. “Cultura é “desenvolvimento de certas faculdades de espírito por exercícios intelectuais apropriados”. Ou então, “cultura é o conjunto de conhecimentos adquiridos que permitem desenvolver o sentido crítico, do gosto e de julgamento”. Ainda segundo os dicionários: conhecimentos, educação, formação, instrução e saber formam o conjunto cultural. E cultural, que é relativo à cultura e à civilização, tem como oposto a ignorância e a barbárie.

Parece claro que o significado de cultura, segundo essas definições, está concentrado no desenvolvimento das capacidades mentais.

A resposta da segunda pergunta será muito mais diferenciada. Certamente, as divergências semânticas devem predominar conforme o modo de pensar de cada um. Tais divergências, entretanto, ao contrário do que comumente se pensa, não é algo negativo, mas altamente fértil para o debate.

Para continuar captar a abrangência semântica do conceito de cultura, é necessário prosseguir. Os estudos etimológicos mostram que a palavra cultura está vinculada, fundamentalmente, à ação do ser humano, seja no sentido de cultivar, por exemplo, cultivar a terra – agricultura

– que seria a raiz primitiva; seja no sentido de cultuar ou prestar culto às divindades. No primeiro sentido há, de certa maneira, a exploração de recursos, no caso, da terra. Enquanto no segundo sentido há uma atitude de reverência

Mais recentemente a palavra cultura retomou, com maior intensidade, o significado primitivo da intervenção do homem enquanto cuidado no desenvolvimento de múltiplas atividades humanas sobre um leque de abrangência quase ilimitada. Para ser breve, basta lembrar a proliferação de termos como puericultura, avicultura, viti-vinicultura, floricultura, piscicultura e assim por diante. Os laboratórios, especialmente de química e biologia, também, incluem a palavra cultura para designar uma infinidade de experimentos com micro organismos como bactérias, vírus, células, embriões, clonagens, transgenias, etc. Tudo isto leva a um extenso campo de pesquisas científicas. Essa questão foi trazida aqui apenas para ampliar a complexidade da compreensão de cultura.

Em meados do século passado antropólogos, como Malinowski e Levi-Strauss, saindo dos seus gabinetes, foram a campo para estudar as culturas “in loco”. Duas ideias podem ser sublinhadas. Uma é a distinção entre natureza e cultura. Em duas palavras, cultura seria toda ação humana sobre a realidade. A natureza seria tudo o que existe e acontece sem a intervenção dos humanos

A outra ideia consiste na reformulação da tradicional classificação das culturas. Desde os gregos, desenvolveu-se a crença de que nem todas as culturas deviam entrar na categoria de cultura. Uma fórmula da análise estrutural apresentada por Levi-Strauss pode ser aplicada a este

caso. Funciona assim: os gregos estão para a cultura, assim como os não-gregos estão para a barbárie. Com base neste parâmetro convencionou-se que nem todas as culturas seriam cultura. Surgiu, assim, a divisão entre culturas primitivas ou selvagens e as culturas desenvolvidas ou civilizadas. Neste contexto ocorre que nem todos os grupos humanos faziam parte da humanidade. Jean Jacques Rousseau, contrariando estas crenças, dizia que preferia incluir na humanidade grupos de símios para não incorrer na exclusão de seres humanos.

2. Esporte

Esporte é a segunda palavra chave deste artigo. Da mesma forma como aconteceu com a cultura, o esporte tem uma longa trajetória, talvez, ambos originários da mesma raiz, a capacidade humana de simbolizar, no dizer de Ernst Cassirer, que Friedrich Schiller nos diz que ela se concretiza na atividade lúdica.

É preciso, neste artigo, encurtar o caminho, mas assim mesmo, ele começa com os gregos. Os gregos, talvez, melhor dito os helenos, segundo Arnold Toynbee, organizaram a atividade lúdica como um elemento sociocultural. Trata-se dos chamados os jogos pan-helênicos. O historiador Arnold J. Toynbee, em seu livro *Helenismo – História de uma Civilização*, para traçar as linhas gerais dos jogos pan-helênicos afirma que, no contexto destes fenômenos, o correto é falar em Hêlade, e não Grécia, em Helenos, e não gregos.

Não é novidade em afirmar que foi na Grécia (Hêlade) que foram organizados grandes eventos “esportivos”. Diríamos, hoje, megaeventos. Novamente, segundo

Toynbee, quatro eventos faziam parte dos jogos pan-helênicos, que ele identificou como quatro confederações. Tudo começou com os jogos Pítios, ligados aos santuários de Delfos e Termópilas. Seguidos dos Ístimos, realizados no território de Corinto, e dos Nemésios, no território de Filus. Os jogos Olímpicos completam o quarteto, que se tornaram os mais famosos.

Três constatações de Toynbee merecem destaque:

1ª. A abrangência dos jogos.

Os jogos pan-helênicos não eram destinados apenas a atividades atléticas, mas também à arte, ao teatro, à oratória, à poesia, à filosofia. Portanto, consistia numa ampla manifestação cultural. Eram verdadeiros festivais socioculturais. Todos poderiam participar desde que comprovassem sua identidade helênica.

2ª. A honra de participar.

Os festivais, escreveu Toynbee, procuravam atrair participantes pela oferta de prêmios, mas sublinha que “a honra de ser vitorioso num dos quatro jogos pan-helênicos era tão grande, conferia tanta fama que uma recompensa material tornava-se desnecessária”.

3ª. O fator de unidade.

Ao tratar da unidade helênica, Toynbee mostra o quanto foram importantes os jogos pan-helênicos, chamados, às vezes, de internacionais. Muito se fala das cidades-estado da Grécia, mas essas, em

lugar de unidade, desenvolveram guerras e disputas internas. Para ele: “É um traço característico do helenismo o fato de que tenha conseguido expressar sua consciência comum na poesia e no esporte, mas não na política e na religião”.

Os interesses econômicos e comerciais, certamente, eram fatores muito distantes para aquela época.

Segundo os historiadores a conceitualização de jogo começa no período romano. *Jocus* é a raiz etimológica e conceitual herdada pelas línguas neolatinas. Sua definição original seria; “atividade física ou mental puramente gratuita, que não tem, na consciência daquele que a pratica, nenhum outro objetivo que o prazer que se obtém”. Pode ser sinônimo de divertimento, recreação, brincadeira. Não é demais insistir que se trata de atividades tanto físicas quando mentais e gratuitas.

Somente no século XII é formulada uma definição mais científica ou filosófica de jogo nestes termos: “jogo é aquela atividade organizada por um sistema de regras definindo um sucesso ou um fracasso, um ganho ou uma perda”. Pela primeira vez aparece claramente a preocupação com os elementos que constituem o jogo: organização, regras e resultados. O que lhe confere uma identidade própria e distinta de outras atividades.

Por fim, no início do século XIX, precisamente em 1828, aparece a palavra esporte originário do inglês *sport*. Uma definição tradicional pode ser esta: “Esporte, atividade física exercida no sentido do jogo, da luta e do esforço, cuja prática supõe um treinamento metódico, o respeito de certas regras e disciplinas”. É, sem dúvida, esta definição que continua balizando as práticas esportivas atuais. Em nenhum momento

há uma menção aos seus praticantes, nem aos valores a serem atingidos. Também não estabelece parâmetros para fixar o que pode ser incluído como esporte. Pela prática existente cada modalidade esportiva é desenhada segundo esta definição e os seus praticantes a ela devem ser enquadrados.

3. Cultura e Esporte

Falta realizar a tarefa principal, descrever como, entre nós, a cultura e o esporte formam um cenário original. Não se trata de juntar dois elementos distantes, como daria a entender o que foi exposto até aqui, mas de descrever a construção de uma paisagem em que cultura e esporte se fundem num cenário único. Para expressar essa unidade nova seria necessário criar um neologismo, como essa criatividade está cerceada, pode-se recorrer a essas expressões invertidas: esporte cultural e cultura esportiva. Certamente não é uma adição, mas uma fecundação.

Os passos seguintes, talvez, conseguirão realizar esse empreendimento, ainda que de maneira parcelada.

3.1 *Desenvolver esporte.*

Neste primeiro subtítulo, talvez, deveria ser substituído por cultivar esporte lembrando a etimologia da palavra cultura. A opção pelo termo desenvolver, não só por estar na definição, mas porque imprime o sentido de movimento, de algo que se está construindo. Desenvolver esporte pode significar criar novas modalidades como aperfeiçoar as existentes. Novos esportes surgem com muita frequência, mas o

reconhecimento pelas instituições esportivas pode demorar. O que se pode observar com facilidade são os aperfeiçoamentos ou adaptações nos já reconhecidos, especialmente através de regulamentos, de materiais esportivos ou instalações apropriadas.

O campo mais festejado é o das ciências e das tecnologias a serviço da cultura desenvolvimentista em função da melhoria de resultados. Na área material ou física não é preciso entrar em detalhes por ser suficientemente divulgada e conhecida. Na área humana, também. Uma observação, sem dúvida, merece um olhar mais atento. O ser humano, digamos o atleta, não está em primeiro plano neste desenvolvimento cultural esportivo. O esporte está definido em todos os seus pormenores. Aquele que pretende praticar determinado esporte precisa moldar-se aos seus parâmetros. Pode ser que seja um exagero, mas daria comparar tal fato ao mitológico leito de Procusto. Para quem não se lembra, Procusto, um gigante da mitologia grega que vivia nas montanhas e oferecia hospitalidade aos viandantes perdidos. Entretanto, havia uma condição estranha. Na hospedagem havia uma só cama de ferro e o hóspede deveria caber perfeitamente nela. Aquele que era de estatura menor o hospedeiro espichava o hóspede até alcançar as medidas do leito. Aquele de estatura que ultrapassasse as medidas, ele lhe cortava as pernas. Por mais delirante que possa aparecer, será que não seria possível transferir essa hospitalidade ao enquadramento das pessoas segundo os moldes fixos do tipo de esporte?

3.2 *Praticar esporte*

Praticar esporte, certamente, o significado mais importante da cultura fundida

com o esporte. A razão é simples, a prática do esporte está intimamente ligada ao praticante que, por sua vez encontra no esporte a realização de seus valores ou dos seus objetivos. Portanto a prática e o modelo de esporte tornam-se indissolúveis. Neste sentido cultura e esporte se confundem na ação, adquirem uma nova fenomenologia. Praticante e esporte não podem ser separados como no fato, por exemplo, da floricultura. O floricultor se mantém totalmente distinto da flor cultivada.

Dito isto, é necessário fazer uma distinção entre dois perfis de praticantes. O atleta representa o primeiro perfil. Neste caso o praticante assume a condição de profissional. E o esporte adquire a organização do trabalho com todas as consequências que tal situação impõe e está plenamente regulamentada por instituições e normas oficiais.

O segundo perfil é o dos praticantes de esporte que colocam em primeiro plano seus objetivos pessoais. O esporte não é o objetivo, mas apenas o recurso ou o instrumento para suas motivações ou interesses. Uma simples escuta das conversas desse numeroso número de praticantes percebe-se, imediatamente, que o esporte é praticado em nome de valores ou objetivos pessoais. A saúde e a qualidade de vida corporal e mental estão no alto da lista. Encontro com amigos, fortalecimento das capacidades físicas, passatempo, diversão, compensação ao sedentarismo, entre outros, tem também lugar de destaque.

3.3 *Apreciar esporte*

Apreciar as atividades esportivas faz parte da cultura. O esporte, neste sentido, é colocado no mesmo nível das obras de

arte, dos recitais musicais, da literatura, das belezas da natureza, enfim de tudo o que é belo. Trata-se de um espetáculo a ser apreciado, contemplado e admirado. Isto na teoria. Na prática é outra história. O apreciador assume o papel de torcedor, que, para os italianos, se chama tifoso e, para os franceses, supporter. O que conta é o time e, acima de tudo, a vitória. Vaias e aplausos são as grandes manifestações “apreciativas” das torcidas. Evidente os aplausos são para o próprio time. Enquanto as vaias são incondicionais para o outro time, geralmente, reforçadas por palavrões, apupos e, até, ofensas morais. Evidente a vaia adquire um significado muito além da desconformidade ou discordância. Neste contexto é um instrumento para desestabilizar, gerar descontrole emocional, humilhar, intimidar, provocar ou irritar. O que importa é influenciar negativamente a participação do atleta.

No final do jogo, dependendo do resultado, os apreciadores torcedores se dividem em dois tipos de personagens, Aqueles que cantam a vitória, e aqueles que choram a derrota. Nem sempre a alegria de um lado e a tristeza de outro lado são vividas harmoniosamente. Ao contrário, a violência é uma constante.

3.4 *O sistema de valores presente no esporte*

Toda cultura se estrutura sobre um sistema de valores. Graças a esse sistema é possível identificar e uma cultura e diferenciá-la de outras culturas. O esporte faz parte deste sistema e está encarregado de se identificar com os valores comuns. Portanto os esportes ou jogos refletem os

valores da cultura vigente. O reconhecimento desta relação está na iniciativa do Barão de Coubertin em reviver o ideal olímpico. As olimpíadas, uma das federações dos jogos pan-helênicos, tema referido na primeira parte deste artigo, refletiam o sistema de valores da cultura pan-helênica.

O projeto de Coubertin propunha as Olimpíadas modernas como uma oportunidade única em vista de um mundo melhor, enquanto os jovens competem juntos, em liberdade e honestamente. Numa palavra, as Olimpíadas seriam uma confraternização universal. Na verdade a força do poder econômico, político e de mercado, espinha dorsal do sistema de valores do mundo globalizado, transformou esse festival de intercâmbios amistosos num espetáculo profissional no estilo de uma grande feira de negócios, de espertezas e de rivalidade.

Esse fracasso se apresentava previsível e inevitável devido o conflito de valores do ideal olímpico no interior da cultura helênica com os conflitos de interesses mercantis da globalização econômica da era moderna. De fato, os megaeventos se tornaram os maiores avalistas desta transformação do esporte numa valiosa e cobiçada mercadoria. Literatura sobre o assunto não falta. A obra, *Os Senhores dos Anéis – Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas*, de VyvSimson e Andrew Jennings, é suficiente para despertar uma consciência crítica em relação a todos os megaeventos contaminados por valores nada esportivos.

3.5 *Um rótulo mágico.*

O esporte se tornou um rótulo para legitimar uma série de atividades que se distanciam dos valores do jogo, da raiz

latina 'jocus'. Lembrar a primeira parte do artigo referente ao conceito jogo.

Uma questão, salvo engano ou ignorância, pouco presente nas pesquisas e estudos acadêmicos, é referente aos critérios que definem o que pode ser transformado em esporte. A história dos esportes revela que as práticas esportivas são desenvolvidas no interior de uma comunidade humana. As origens podem ser múltiplas. As atividades da vida cotidiana junto com os recursos do meio ambiente, certamente, são as maiores fontes de inspiração para desenhar os modelos de jogos no passado, e de esportes na modernidade. O tema seria, sem dúvida é, instigante para entender os mecanismos manifestos e ocultos das tramas esportivas. Apenas uma observação provocativa. Os jogos pan-helênicos eram realizados à sombra de famosos templos. Os eventos esportivos, no topo da pirâmide os megaeventos, são construções científicas e tecnológicas.

Retomando o aspecto das origens em relação ao meio ambiente. As montanhas nevadas inspiraram uma infinidade de modalidades esportivas junto com o aperfeiçoamento de materiais e tecnologias. As comunidades das orlas marítimas encontraram nas águas a base de seus esportes. Os animais domesticados, também, entraram na mira dos inventores de esportes. Alguns proibidos.

Com o avassalador domínio dos interesses econômicos, parece que o critério absoluto é do mercado. O princípio de mercadoria determina a possibilidade de ser esporte. Com este critério mercadológico podem surgir contradições inexplicáveis. É verdade que há um freio para esta ganância, mas parece que funciona de maneira estrábica. Por exemplo, a rinha de galos ou as lutas de cães, as touradas, (em parte) são

proibidas. Os infratores são criminalizados. Entretanto o boxe, as artes marciais e demais lutas, englobadas nas siglas UFC ou MMA etc., em que seres humanos podem sofrer danos irreparáveis, inclusive a morte, estão legitimados e aplaudidos por milhões de espectadores e telespectadores.

Outro tema, pouco divulgado, refere-se à violência, às agressões e suas consequências diretas que acontecem nestes eventos justificados pelo poder mágico de um rótulo: ESPORTE. Bom, o assunto exigiria um longo debate, talvez, um dia, a educação física chame a si a responsabilidade desta complexa tarefa.

4. Um discurso próprio

A linguagem, ou a palavra, desde os gregos se constituiu num fator fundamental de identificação do ser humano. A expressão grega, *zoonlogonechon*, (vidente dotado de verbo –fala), teria sido a primeira definição do ser humano. Nasceria assim a importância dada à linguagem e às línguas. Posteriormente, a língua foi reconhecida como a espinha dorsal de uma cultura. O enfraquecimento da língua é o começo do enfraquecimento de uma cultura. É interessante lembrar que Alexandre Magno, em sua estratégia de consolidação do domínio sobre os territórios conquistados, um professor de língua grega era uma das peças chaves.

Os limites deste artigo não permite aprofundar esse tema, mas apenas lembrar que, com o surgimento e a classificação das diferentes ciências, cada uma constituiu um discurso próprio. Muitas vezes somente acessível aos iniciados. O que importa, neste momento, é pensar que a encarnação,

na linguagem de Merleau-Ponty, de cultura e esporte num corpo (carne) único somente se consolida através de um discurso próprio. A questão é saber como tal discurso pode ser reconhecido no contexto dos diferentes discursos próprios. Haveria uma ciência própria do esporte? Qual? Capaz de sustentar, como nas demais ciências, o discurso próprio, isto é, um discurso esportivo, no mesmo sentido de discurso jurídico, filosófico, pedagógico, etc.?

Essas perguntas, caso tenham sentido, estão liberadas a quem desejar responder. Neste artigo a opção é pelo jornalismo. É óbvio o jornalismo esportivo, da mesma maneira que se fala do jornalismo político, econômico ou investigativo.

Antes, duas palavras. O jornalismo propriamente dito surgiu a partir do séc. XIX, intimamente ligado ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Sua função inicialmente era divulgar notícias. Com o passar do tempo, adquiriu um status mais acadêmico e científico, conseqüentemente profissional, indo além da informação para analisar e interpretar os fatos. Daí a diversidade de jornalismo segundo seu objeto específico, política, economia, investigação, cultura, etc. O esporte, dada sua crescente importância, está formatando o jornalismo esportivo – ou já formatou? – que nada mais é que uma área do jornalismo, no qual encontra seus princípios básicos. Deve ficar claro, o jornalismo esportivo proposto precisa ultrapassar narrativas, comentários e informações, e, ainda mais, ir além de meras opiniões para apresentar análises capazes de abranger todas as instâncias de abrangência do esporte, suas instituições, sua história e, particularmente, sua presença na cultura contemporânea com suas participações na complexidade do mundo

globalizado que acontecem em nível de micro ou megaeventos.

Para justificar essa opção jornalismo esportivo, como o discurso próprio de unificação de cultura e esporte, não será adotado o costume acadêmico das definições e conceitos, mas o caminho dos fatos, especialmente aqueles que aparecem nas páginas intituladas Cadernos de Esportes. Mais um detalhe, essa observação dos fatos está limitada à imprensa do extremo sul do Brasil, monopolizada por alguns veículos de comunicação escrita e televisiva.

Primeira constatação. O proclamado jornalismo esportivo, de fato, poderia ser classificado como jornalismo futebolístico. E, mesmo neste campo, muito centralizado em poucos clubes.

Segunda constatação. No discurso do jornalismo esportivo militam predominantemente narradores e comentaristas em rádios e televisões. Os jornais, praticamente, reproduzem tais narrações e comentários com a diferença da escrita e da oralidade. Em todos eles o que se veicula são opiniões, muitas opiniões, geralmente, contaminadas pelas preferências clubísticas, embora atrás de uma tênue cortina de imparcialidade.

Terceira constatação. As práticas jornalísticas esportivas apresentam dois momentos distintos. Um, antes do evento. Outro, depois do evento. Antes do evento a preocupação geral se concentra na promoção. As razões podem ser diversas, o que exigiria um estudo mais racional. O aspecto enfocado, aqui, é o das promoções. É preciso atrair espectadores. O bordão mestre destas promoções está na exaltação do confronto. As mútuas provocações recebem destaques em manchetes de primeira página. O discurso belicoso faz sucesso. Alguns exemplos serão apresentados logo adiante.

Após o evento, o que aparece em primeiro plano são opiniões pessoais sobre o desenrolar da partida. Cada um apresenta sua tese sobre os resultados, o desempenho dos atletas, os erros de escalação ou de substituições e das estratégias do treinador, erroneamente chamado de professor. O corpo de juizes é invariavelmente esquadriornado, especialmente, para confirmar seus erros fatais. Tudo com a “cientificidade” opiniática.

Quarta constatação. A linguagem jornalística esportiva, que predomina na imprensa em geral, está ao alcance de qualquer leitor. Uma leitura atenta é suficiente. Os seguintes relatos foram recolhidos, sem nenhuma metodologia, a não ser a do leitor curioso que não tem o hábito de ler cadernos de esportes. Seguem alguns, entre tantos, para a interpretação de cada um.

“O desejo do clube era criar um caldeirão na Arena, além de ser parte de uma campanha de marketing para celebrar a pesquisa que apontou o torcedor mais fanático do Brasil” (CP.22.10.2013. p. 28). Manchetes da internet são frequentes neste estilo: “Pontapés, cotoveladas e morte: relembre casos de violência” vendo 19 fotos ilustrando os fatos.(24.10. 2013) Termos como brigar, duelo, mata-mata, expressões de enfrentamento, apenas para citar alguns, estão constantemente presentes. Quando se trata de lutas marciais, a linguagem é mais pesada. Exemplo: “Caçador de gângster”

O fato é que este discurso belicoso combina com o objetivo de que somente a vitória vale. Uma medalha de ouro é festejada. Uma medalha de prata é lembrada. Uma medalha de bronze merece um sorriso disfarçado. Uma afirmação de Dunga, em

recente entrevista, merece ser citada: “No Brasil é assim: Venceu, serve; não venceu, não serve”. Isso mostra o que muitos já sabem: “A população, em geral, não aprecia os espetáculos esportivos. Querem apenas vencer. Time perdedor fica com os estádios vazios.”

Por fim, ao ritmo deste discurso belicoso, talvez, seja possível transferir para o jornalismo esportivo o que um jornalista político estrangeiro confidenciou ao senador Cristovão Buarque, quando lhe perguntou se não havia jornalismo político no Brasil. O senador respondeu afirmativamente referindo-se aos jornais brasileiros. O comentário do visitante foi cruel ao afirmar que uma parte do nosso jornalismo político eram fofocas, a outra parte, caso de polícia. Se for exagero ou não, no caso do jornalismo político, não importa, isto não impede de cometer o mesmo exagero transferindo a mesma análise ao jornalismo esportivo.

Para completar essa hermenêutica visual é fundamental reconhecer que o Esporte é uma das raras manifestações culturais, não apenas os megaeventos esportivos, mas também em termos de envolvimento, direta ou indiretamente, de todas as pessoas, independe de idade e cultura, de condição social e de moradores das regiões mais afastadas dos centros urbanos. A tecnologia os alcança em toda parte.

Diante desta realidade, duas atitudes jornalísticas emblemáticas de um mesmo evento merecem se citadas para a interpretação de cada leitor, e para acreditar que se pode sonhar.

- Evento esportivo: Campeonato mundial de Judô no Rio de Janeiro. Primeira fonte: Correio do Povo 28.08.2013 p.?

Manchete: A LIÇÃO DE ÉRIKA - Ao ouvir vaias para a campeã. Brasileira abraçou a adversária e pediu apoio.

Tópico do texto: “Ao vencer a brasileira com ippon na decisão do peso leve (-52kg) MajlindaKelmendi do Kosovo comemorou e, em resposta, foi vaiada com força pela torcida no Maracanãzinho. Erika, que recebia apoio da torcida sempre que tentava um golpe na oponente, se recompôs, abraçou a adversária e levantou seu braço, mostrando ao público a campeã.”

Segunda fonte: Zero Hora, 28.08.2013. p. 56

Manchete: Érika parou na número 1. Resumo da reportagem: O jornalista descreve a luta. A derrota não seria por ippon, mas por wazari. Faz referência, sem muito entusiasmo, à medalha de prata e à trajetória da atleta brasileira. Nenhuma palavra sobre a atitude de Érika diante da concorrente.

Um dia, não importa quando, o gesto de Érika poderá ser uma lição contagiante.

REFERÊNCIAS

- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Le visible et l'invisible**. Paris: Gallimard, 1964.
- RICOEUR, Paul. **Le Conflit des Interprétations. – essai d' herméneutique**. Paris: Éditions du Seuil, 1969.
- SCHILELER, Friedrich. **A Educação Estética do Homem**. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- SIMSON, Vyv. JENNINGS, Andrew. **Os Senhores dos Anéis – Poder, Dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas**. São Paulo: Best Seller, 1992.
- TOYNBEE, Arnold J. **Helenismo – História de uma Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 3ª. Edição, 1962.

CULTURE AND SPORT - a visual hermeneutics

ABSTRACT

Culture and Sport, the subject of this article, describes, through a visual hermeneutics, deep sport linking with culture, in a carnal fusion at some point in human history. This moment came from the modern era and continues today. The basis of this merger is in science and technology, the two cornerstones of the modern in every way. Everything must go by the scientific thinking and technical act. However, the hermeneutic vision required to go beyond modernity. The discovery manifested itself without much effort. There is a long, say, sports prehistory conducted by ludic imagination, the human root of humanity. The sport, term emerged in the nineteenth century, is the designation of the structure of scientific and technological manifestations of fun and play. The visual hermeneutic process acknowledged that the sport achieved a global dimension, far from the values of ludicity. Attempting to recover the meaning of Panhellenic events showed the need to build a discourse able to understand the meaning of mega sport events and all sports in all its complexity. The purpose of this task could be taken by an effective sportive speech, in such a way that happens with the other representative discourses of each science or each professional occupation.

Keywords: Culture; Sport; Visual hermeneutics

Recebido: outubro/2013
Aprovado: novembro/2013